

## **José Porfírio Carvalho**

Projeto Waimiri – Atroari / Eletronorte

Mesa: Etnodesenvolvimento, mercado e mecanismos de fomento: as possibilidades de desenvolvimento sustentado para sociedades indígenas. Nos meus 32 anos de trabalho lidando com indigenismo, tive oportunidade de conhecer muitas etnias e de participar de várias experiências com comunidades indígenas. Na década de 60 e início da década de 70, buscávamos socorrê-los, salvá-los do extermínio a que pareciam condenados. A maior preocupação da legião de indigenistas que foi se formando e se dedicando à causa indígena era, em primeiro lugar, salvar os índios da guerra estabelecida pelos grandes projetos, pela ação criminoso de determinados segmentos da sociedade nacional. Alguns grupos conseguiram sobreviver em função desta nossa preocupação e de nossas ações. Em função dos problemas que tive com a FUNAI, pude conhecer muitos grupos indígenas, pois várias vezes fui transferido, demitido, reintegrado e, por isto, trabalhei no Acre, no Maranhão, no Pará, no Amazonas e em Roraima. Tive assim a oportunidade de conhecer vários grupos, em diferentes estágios de contato, e iniciar alguns projetos. O projeto com os índios Guajajara, por exemplo, me ensinou muito, e hoje posso dizer que, em geral, houveram resultados positivos, sobretudo em relação à questão da demarcação das terras, de sua desintração e do resgate da dignidade dos povos indígenas: conseguiu-se despertar neles o orgulho de serem índios e a consciência sobre o uso de seus direitos inatos. A implementação dos projetos permitiu também que eu conhecesse determinados erros da FUNAI e os meus próprios. Foi baseado nestes erros, mais do que nos acertos, que fizemos a proposta à Eletronorte, quando ela decidiu-se a construir a hidrelétrica de Balbina, que inundaria 30.000 hectares das terras dos índios Waimiri Atroari. A proposta era muito audaciosa para aquele momento, era um projeto de 25 anos, com o objetivo de que, ao final do período, os Waimiri Atroari houvessem retomado a total independência que possuíam antes do contato com a sociedade brasileira. A maioria das pessoas não acreditava no projeto, nem mesmo o pessoal da Eletronorte, que o aprovou. A FUNAI, por sua vez, achava tratar-se de mais um projeto que não iria dar certo, que entraria naquele imenso rol de projetos que começam e nunca terminam.

Tínhamos uma afinidade muito grande com os índios Waimiri Atroari em função de um trabalho realizado no início da década de 70, que me deixara sentimentalmente muito ligado ao grupo. Acho que, por isto, apostava no sucesso do projeto, que consistia, na verdade, de coisas muito simples. Primeiro, no resgate da dignidade deles, na defesa do território como um todo, fazendo com que eles voltassem a se preocupar com sua própria comunidade, retirando qualquer interferência negativa da área e implantando um sistema escolar voltado para a cultura deles. Dentro desta visão, fomos substituindo os funcionários da FUNAI que trabalhavam lá e que estavam comprometidos com o projeto de uma empresa de mineração, estabelecida em uma área de 526.800 hectares. Para gerenciar o nosso projeto foi criada uma ONG e, desta forma, conseguimos reverter o processo de depopulação dos índios, que estava numa base de 20% ao ano, para uma taxa de crescimento alta, talvez a maior existente hoje. Melhoramos o nível de vida dos índios através de um controle total dos programas da saúde e do apoio à produção de alimentos, para que a comunidade se livrasse da dependência que tinha de alimentos externos. Com a participação deles, conseguiu-se concluir o processo demarcatório e hoje eles estão auto-suficientes com relação à produção de alimentos. Estamos desenvolvendo em parceria

pequenos projetos de produção e criação de animais silvestres, como capivara, anta e porco-do-mato, e também uma agricultura voltada para culturas perenes, e não para essências ou produtos sazonais. Ainda não podemos dizer que estas atividades tenham alcançado resultados econômicos satisfatórios, mas evitam, por um lado, que se busque produzir em excesso com relação ao consumo e, por outro, a depredação da área para obtenção de bens para a troca e para a venda. O sistema também está voltado para a captação de recursos através da venda de artesanato indígena. Procuramos encontrar uma forma de valorização da arte Waimiri Atroari e estamos mantendo uma loja em Manaus exclusivamente para a venda dos produtos deles. Registramos a marca Waimiri Atroari e estamos conseguindo recursos também com a venda do direito de uso de determinados padrões e imagens indígenas. Acabamos, por exemplo, de acertar a comercialização de pratos com gravuras Waimiri Atroari. Assim, há uma série de atividades paralelas à produção direta deles que auxilia o processo de etno-desenvolvimento.

Acreditamos que a produção de alimentos para venda tem sido o principal motivo de criação de dependência da maioria das comunidades indígenas. Os índios Waimiri Atroari hoje consomem produtos manufaturados em nível muito baixo em comparação a outras comunidades. Em média, um índio Waimiri Atroari consome 36 reais de produtos não produzidos por eles; dentro desses 36 reais, está incluído o consumo de combustível, a compra de motores de popa, enfim, toda a gama de produtos não fabricados por eles. Com pouca exigência de produção, eles conseguem suprir estas necessidades. Podemos dizer que os Waimiri Atroari são uma comunidade que ocupa o território com suas atividades culturais, que mantém todos os processos reprodutivos de sua cultura, que constrói suas roças de forma a suprir inicialmente a produção de seus próprios alimentos, e que só excepcionalmente utilizam esta produção para a aquisição de produtos manufaturados. De dois anos para cá, eles também têm uma receita ligada à cobrança de uma taxa pelo uso de uma estrada vicinal construída dentro de suas terras. Os caminhões de minério da mina de cassiterita que foi instalada no antigo território deles pagam uma porcentagem de 0,5% da produção do minério e um valor fixo pela passagem de caminhões não carregados. Estes valores, somados aos valores da produção de pequenos produtos artesanais, da venda da marca e de eventuais excessos da produção de alimentos, mantêm equilibrada a economia dos Waimiri Atroari. Eles hoje mantêm um superavit considerável entre o que consomem e o que produzem. Diariamente existe um processo de controle da produção em que todos participam. Eles demoraram a assumir esta participação, mas hoje já controlam todo o processo produtivo, só não participam até agora do processo de comercialização, que está em fase de aprendizado. Todo o processo de compras, de uso do dinheiro, tem sido remetido para as escolas. Hoje são mantidas 28 escolas na área e essas 28 escolas são de domínio total da comunidade; os professores são índios e repassam à comunidade os conhecimentos de matemática e de escrita. A ensino escolarizado é feito prioritariamente na língua mãe e o currículo, o conteúdo do estudo, é totalmente voltado para a realidade Waimiri Atroari. Nenhum dos cursos estabelecidos lá dentro é voltado para temas não-índios. Atualmente, 40% da população acima de 6 anos é alfabetizada, sabe ler e escrever na língua mãe e é capaz de elaborar textos para pequenos projetos internos dentro da própria comunidade.

Os índios Waimiri Atroari têm uma noção exata de seu território e fiscalizam todos os seus limites. A área tem um perímetro de 985 quilômetros e exige deles uma constante

circulação. Há ainda um bom estoque de alimentos de caça, e desenvolvemos paralelamente uma pesquisa sobre o uso destes sítios e sobre a quantidade de exemplares abatidos. Enfim, podemos dizer que os índios Waimiri Atroari estão bem e buscando encontrar uma forma de diminuir a dependência econômica que qualquer abalo na economia e na produção deles possa causar. Para isto vem sendo mantido um equilíbrio na produção para o consumo de alimentos e há uma preocupação com a produção voltada para o consumo de bens não produzidos por eles. Mantemos uma vigilância constante, pois é muito difícil garantir o funcionamento de um sistema como este. Nossa esperança é que os experimentos com a criação de peixes, tartarugas, capivaras e antas, venha realmente possibilitar a manutenção do equilíbrio econômico e cultural da comunidade Waimiri Atroari. Também somos responsáveis por um outro programa, chamado Programa Parakanã, que apresenta outros tipos de dificuldade. Os índios Parakanã têm uma outra cultura, um outro tipo de relação com a produção e o consumo, e temos tido muita dificuldade lá, ainda não conseguimos estabelecer o equilíbrio que alcançamos com os Waimiri Atroari. A agricultura dos Parakanã é mais voltada para a comercialização e eles dependem mais de bens externos. Embora mantenham um processo de comercialização bem avançado comparado ao dos Waimiri Atroari, seu próprio sistema de vida, seu sistema econômico, dificulta alcançar o equilíbrio entre a produção e o consumo de bens externos que consideramos ideal.